

# EXPERIÊNCIA E MEMÓRIA:

## FORÇAS ATIVAS DO CORPO (ESPAÇO DE CRIAÇÃO)

RAQUEL CÉLIA SILVA DE VASCONCELOS - Faculdade de Educação  
Universidade Federal do Ceará (FACED | UFC)  
Email: raquelcsvasconcelos@gmail.com

**Resumo:** *Propiciar um diálogo entre Benjamin e Nietzsche no que diz respeito a memória e sua relação com o corpo no processo de criação é a proposta deste ensaio. A memória, em Benjamin, implica um sentido para história que se apresenta de modo descontínuo, remetendo à visão singular de quem contempla os acontecimentos históricos. Se o corpo é o espaço de criação, então, como pensar, do ponto de vista da educação, a interface entre corpo e arte no processo de aprendizagem? Seria a escola, espaço de formação, capaz de mediar uma educação que privilegie o corpo a partir do ensino da arte como condição de possibilidade de uma experiência histórica?*

**Palavras-chave:** *Corpo. Experiência. Memória.*

**Abstract:** *foster a dialogue between Benjamin and Nietzsche regarding memory and its relationship to the body in the creation process is the purpose of this essay. Memory in Benjamin, implies a meaning to history that presents itself in a batch mode, referring to the singular vision of the beholder historical events. If the body is the space of creation, then how to think from the point of view of education, the interface between body and art in the learning process? Would the school, training area, capable of mediating an education that privileges the body from art education as a condition of possibility of a historical experience?*

**Keywords:** *Corps; Experience, Memory*

## Introdução

**B**enjamin ao privilegiar o inconsciente traz as ações impulsivas que só são possíveis pelo corpo que possibilita romper com fluxo contínuo do tempo, conduzindo a criação no limiar da força diagonal em que projeta o passado, ligando-o ao presente. Por certo, a memória e a experiência são conceitos fundamentais no pensamento de Benjamin, sobretudo, em sua discussão sobre a história. E nesse sentido, memória pressupõe experiência vivida (*Erlebnis*), característica do romance, e experiência coletiva (*Erfahrung*), presente nas narrativas do conto. A memória é o pressuposto da experiência porque permite examinar os dados acumulados no inconsciente apreendidos pela memória involuntária que aproxima o homem da origem e o faz romper com a tradição metafísica presa à concepção de história linear, na qual os acontecimentos são fixados na lembrança aprisionada à consciência. Com Nietzsche, a memória a partir do esquecimento é necessária, porque é preciso esquecer suas impressões registradas no corpo que expressam o ressentimento que não cede o espaço para o esquecimento.

### ***Experiência e memória coletiva em Benjamin: res(significação) de uma educação mediada pelo corpo***

Benjamin em seu texto, *Sobre alguns Temas em Baudelaire*, discute os conceitos de experiência e de memória à luz das obras de Proust e de Baudelaire. Ele apreende a diferença que Proust traz de memória, denominando-as em voluntária e involuntária e de Baudelaire analisa o poema introdutório de *As Flores do Mal*. Nas duas primeiras estrofes da obra de Baudelaire, há uma tentativa do poeta em fazer seus leitores ultrapassarem os prazeres dos sentidos e dos hábitos do *spleen* (melancolia), causadores da anulação do interesse e da recepção estética diante da poesia lírica. Esse poema expressa o contexto de massificação que se firma na Modernidade, apontando uma mudança estrutural do ato de narrar com o declínio da experiência (*Verfall der Erfahrung*), cuja força se encontrava na narração, vista como *locus* de uma verdade compartilhada por uma comunidade humana sob a autoridade de cada geração.

Com o declínio da experiência, a memória também perde sua força e, diante disso, Benjamin propõe uma memória que narre a contrapelo os fatos históricos dos silenciados, cujo esquecimento delimita o lugar da lembrança. A memória deve proporcionar aos emudecidos a possibilidade de deslocá-los para uma tradição que não os conduzam ao conformismo. E desse modo, a experiência delimita o relato do passado que deve ser citado e compartilhado, possibilitando uma educação que liberte e acolha as diferentes discussões políticas e os feitos humanos, uma vez que a história não está acabada, possibilitando uma transformação.

Benjamin, em *Sobre o conceito de história*, delimita, a partir do conceito de experiência, um sentido aberto para a história, que significa uma interpretação não concluída, inacabada, pois escrever a história pressupõe uma articulação constante entre presente e passado. Isso permite estabelecer a

reminiscência de um fragmento do passado que precisa ser conservado como condição de possibilidade de repensar a história, não na intenção de conservar o passado, mas de redimi-lo, para que se possa constituir um futuro diferente. Benjamin propõe uma experiência histórica que ligue passado-presente, quando põe a literatura e o narrador como vias de alcance de uma memória que rompa com os “apelos da atenção” e guarde traços do passado.

Para isso, ele recorre à arte literária surrealista, em texto “O surrealismo: o último instantâneo da inteligência europeia”, revelando que a experiência da literatura surrealista se dá através das “energias da embriaguez (*Rausch*)”, captadas pelo inconsciente. Os postulados do Surrealismo, contrários ao pensamento estético, ético e políticos tradicionais, abrem espaço para novos símbolos e mitos alheios ao Racionalismo moderno. O Surrealismo traz a experiência de uma memória que não se prende aos “apelos dos sentidos”, mas ao inconsciente que extrapola o cotidiano e a tutela do intelecto, aproximando-se da memória involuntária (*mémoire involontaire*) de Proust.

Contudo, a memória voluntária (*mémoire volontaire*), sobrepujada ao intelecto e aos sentidos como apreensão consciente dos fatos históricos, fornece um passado a partir de fatos sem verdade. É justamente na obra, *Em busca do tempo perdido (A la recherche du temps perdu)*, que Proust designa a ação da memória involuntária quando descreve no início dessa obra o episódio que se sucede com a degustação da *madeleine*, embebido pelo chá, conduzindo o narrador à apreensão de um passado através de uma memória que se dá em um momento de rememoração afetiva ao saborear o bolo. Isso demonstra que o paladar aciona a memória involuntária, permitindo uma experiência outra de reprodução espontânea, cuja principal característica é escapar à força do hábito, que se encontra no campo da observação, que através da visão apreende somente a forma da *madelaine*. Na verdade, Proust opera com analogias e semelhanças entre passado e presente, como se o presente se configurasse no passado.

Ademais, a sobrevivência da memória, tanto individual quanto coletiva, perpassa os ritos e ordenações, compondo à inúmera manifestação dos jogos e do brincar, tecendo o espaço da experiência lúdica que possibilita à criança a vivência de si mesma, pois tal experiência a torna senhora de si mesma. Assim, a educação na dimensão da expressão espontânea da criança que no brincar e no jogar assume seu caráter coletivo permite a rememoração correspondente as imagens e os valores individuais configurados à dimensão coletiva.

É nessa perspectiva, que Benjamin em seu texto, *Programa de um teatro infantil proletário*, propõe uma educação para criança em contraposição ao modelo assistemático de ensino da educação infantil burguesa que setoriza o saber. É como ponto de fuga desta setorização, que o teatro infantil aparece como condição de possibilidade de uma educação que não descontextualize o saber. A educação descontextualizada culmina numa identidade forjada porque o saber se desvincula da dimensão exterior dos fatos, inibindo a força criadora da criança. Por certo, a criação está diretamente ligada à potencialidade do homem que lhe faz ser único, pois o conduz à participação efetiva na constituição

de sua subjetividade e na elaboração sociocultural. Para isso, Benjamin propõe às crianças a educação teatral como ponto de fuga de métodos que priorizam o plano formal.

Portanto, a saída da formalidade do conteúdo seria o teatro infantil, uma vez que possibilita a totalidade da vida, pois o teatro permite a plenitude ilimitada da existência, porque a educação da criança exige uma abrangência de toda sua vida em um terreno delimitado, ou seja, a educação deve ser contextualizada à vida e às condições socioculturais da criança. Benjamin propõe uma educação teatral inspirado no teatro infantil proletário, porque esse teatro valoriza o gesto, diferentemente do teatro burguês infantil que educa somente pela sensação. Para Benjamin, as “encenações acontecem de passagem, por descuido, se poderia dizer, quase como uma travessura das crianças, que interrompem dessa maneira o estudo que, fundamentalmente, jamais é concluído”.

Assim, o ato criativo se expressaria na educação, cujo pressuposto está nas tensões do trabalho coletivo das crianças desenvolvido no teatro infantil através da dramatização espontânea, demonstrando que o teatro facilita a criança vivenciar a atualidade da criação e do próprio comportamento infantil, uma vez que a verdadeira educação teatral não se reduz ao “reino mágico da mera fantasia”, mas ao do gestual. É por meio deste, que a res (significação) se daria mediado pelo corpo que traz a “inervação criadora em correspondência precisa com a receptiva”, pois “o desenvolvimento do gesto infantil até as diferentes formas de expressão” do corpo, propicia o espaço da recepção estética. É na encenação que o gesto infantil tem seu autêntico espaço, porque, como afirma Benjamin, todo desempenho infantil se orienta não pela *eternidade* dos produtos, mas sim pelo *instante* do gesto. Na condição de arte efêmera, o teatro é arte infantil, pois a encenação propicia a criação através do gesto espontâneo, livre das recordações do adulto que traz uma memória aprisionada à observação. Assim, a História aprisionada ao progresso conduz a consciência a incompletude dos fatos, estabelecendo com o presente e o passado uma dialética que não permite a tensão.

Para isso, deve-se pensar uma educação capaz de contrapor-se, na infância, à imitação superficial dos hábitos enrijecidos dos adultos como consequência de uma estreiteza do campo visual com a institucionalização da tirania do tempo. Este comunga com o progresso como legitimação de um pragmatismo recheado pelo flagelo do pensamento e das ações de homens práticos. Assim, a busca pela *codificação histórica* aponta a contraposição de Benjamin a qualquer forma de coerção que inculque nas crianças o *pessimismo*, a falta de perspectiva, conduzindo-as ao *sempre igual* da política, da cultura e da sociedade.

### ***Sobre memória, história e educação: como pensar com Nietzsche?***

Iniciemos com mais uma indagação: por que convocar Nietzsche para um diálogo sobre tais abstrações, ou melhor, sobre tais conceitos? Consideremos que se buscam o momento e a possibilidade do ato de criar. Busca-se irromper a criação em face das forças que dão forma e incompatibilidade com abstrações e, ao mesmo tempo, onde tudo parece já dado, uma vontade de novidade.

Apenas com a pretensão de vislumbrar uma via possível para tal busca, indaguemos Nietzsche a respeito do que chamamos conhecimento e, também, o que chamamos de criação artística. Daí, e propositadamente, nos encaminharíamos para um estranho embate entre uma suposta lei natural dada a conhecer e tornar-se conceito, por um lado e, por outro, uma multiplicidade jorrando em uma inesgotável fonte de metáforas. Contudo, não é disso que se trata. Ao menos esse embate não opõe termo a termo suas forças. Conservação, instinto de verdade, acordo de paz, ilusão, metáforas, forma, multiplicidade, ordem, moral: valores, liberdade. Nietzsche em sua *III Consideração intempestiva: Schopenhauer educador*, afirmar que

“se ficarmos no campo da evidência de que não se pode formar atualmente orador nem um escritor – porque não existe exatamente para eles um educador -, se também é quase evidente que agora um erudito seria necessariamente pervertido e desencaminhado – porque é a ciência e portanto uma abstração inumana que deve educá-lo -, ponhamo-nos, enfim, esta questão: onde estão na verdade para nós, eruditos e ignorantes, grandes e pequenos, nossas celebridades e nossos modelos morais entre nossos contemporâneos, visível encarnação de toda moral criadora nesta época? [...]. Vive-se de fato do capital de moralidade acumulado por nossos ancestrais e da herança deles, que não sabemos mais fazer crescer, mas somente dissipar. Na nossa sociedade, ou não se fala absolutamente destas coisas, ou se o faz com um tal acanhamento e uma tal inexperiência de orientação naturalista, que não pode suscitar senão a náusea. Foi assim que nossas escolas e nossos mestres chegaram a fazer simplesmente um puro formalismo; e a virtude é uma palavra com a qual professores e alunos não querem mais pensar nada, uma palavra fora de moda da qual se ri – e é pior ainda quando não se ri, porque então é a hipocrisia.”<sup>1</sup>

Nesse sentido, Nietzsche não é necessário retomar o passado, pois tal necessidade pressupõe um instinto de verdade que implica conservação e não criação. Por outro lado, se o critério último de avaliação da verdade, dos valores e da história é a vida, essa vida que se faz afirmativa e não ressentida, o passado pode ser por tanto esquecido. E, assim, com a inocência da criança torna-se possível o ato de criação.

Portanto, a crítica de Nietzsche ao sentido de vida do homem moderno é inegável, mesmo

<sup>1</sup> NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *Escritos sobre educação/Friedrich Nietzsche*, 2003, p. 145.

sabendo que o homem moderno experienciase uma vontade de viver e de poder, mas não atingia esses valores “vitais” como deveriam, pois os mesmos foram esterilizados e esvaziados pela razão e pela moral. Isso resulta do niilismo que sempre estivera presente no mundo moderno. A saída, na concepção nietzschiana, era, por meio da esfera estética, a destruição e a criação simultâneas através da arte.

Assim, a reivindicação dos iluministas por um paradigma civilizatório e racional, cuja finalidade era o direito e a moralidade universais não tinha mais credibilidade, diante do aprisionamento à unidade conceitual. Razão e moralidade inibiam a vontade e os impulsos do homem, sem os quais jamais poderia se emancipar. A emancipação só aconteceria mediante a figura mítica de Dionísio (este agia sob impulsos e atingia o momento de destruição e de criação simultâneas, cujo desfecho era um mistério). A estética deveria ficar numa posição primordial em relação a ciência, a razão e a política, pois transcendia os conceitos de bem e de mal. Com isso, Nietzsche traz a arte para o campo do conhecimento que permite ao homem a capacidade de alcançar a universalidade e a eternidade a partir do efêmero e do fugidio que, por sua vez, sempre assolaram o cotidiano humano.

A crítica de Nietzsche à razão iluminista desestabilizou a posição privilegiada da razão que tinha como elemento de sustentação sua definição da essência eterna e imutável da natureza humana. Na proporção em que Nietzsche se posicionou a favor da estética em detrimento da ciência, da racionalidade e da política, a potencialização da experiência estética – “além do bem do mal” – tornou-se um poderoso meio para o estabelecimento de uma nova mitologia quanto àquilo a que o eterno e imutável poderia referir-se em meio a toda a efemeridade, fragmentação e caos patente da vida moderna. Isso deu um novo papel e imprimiu um novo ímpeto ao modernismo cultural.”<sup>2</sup>

Com sua genealogia, Nietzsche nos mostra a farsa de uma razão manipuladora que veste as máscaras do bem e do mal, do dever e da culpa para legitimar seu poder. Para o filósofo, a única solução seria destruição da própria razão, isso gerou uma problemática do ponto de vista epistemológico, pois a única forma de destruí-la seria através dela. Ainda nesta perspectiva, outro filósofo tenta resolver o impasse.

De certo modo, a crítica de Nietzsche à modernidade e à razão ocidental converge com as reflexões de Heidegger que, por sua vez, prossegue com a crítica verificando que se tratava na verdade de um longo período de repressão do Ser em benefício do Ente. Nesse sentido, Nietzsche delineia em sua crítica a destruição da “metafísica” que, para Heidegger, deveria acontecer passo a passo até encontrar sua origem, onde o Ser estaria exilado, fazendo-o retornar, e assim, permitir a superação do niilismo. O longo caminho que se deveria percorrer até localização do Ser exilado, só seria possível por meio do pensamento, uma vez que este é um atributo do Ser, ocasiona o seu movimento, e ainda, permite a existência dele. Afirma Nietzsche:

<sup>2</sup> *Idem*, p. 27.

ora, a *moral* protegeu a vida contra o desespero, contra o mergulho no nada, em homens e em grupos brutalizados e oprimidos por outros *homens*: porque é o sentimento de nossa impotência contra os homens e não contra a natureza que gera a amargura mais desesperada para com a existência. A moral considerou poderosos, os violentos e, de maneira geral, os ‘senhores’, como esses inimigos contra os quais é necessário proteger o homem comum, isto é, *primeiramente incentivá-lo, fortificá-lo*. A moral, por conseguinte, ensinou a *odiar, a desprezar* do fundo da alma o caráter distintivo dos senhores: sua *vontade de potência*. Para abolir, negar, dissolver a moral, seria necessário adotar em lugar do instinto mais detestado um sentimento e um julgamento opostos. Se o sofredor, o oprimido *cessasse de crer que tem o direito* de desprezar a vontade de potência, cairia num desespero sem remédio. É o que aconteceria se esse caráter fosse essencial à vida, se revelasse que essa vontade moral de fazer o bem é apenas um disfarce da ‘vontade de potência’, que esse ódio e esse desprezo, por sua vez, são também vontade de potência. O oprimido perceberia que está *o mesmo terreno* que seu opressor, sem *privilégio* nem *superioridade* de qualquer tipo.<sup>3</sup>

Assim, a própria vida pressupõe vontade de potência e essa vontade presente na vida equivale a possibilidade de neutralização da moral cristã, cuja função foi preservar do niilismo os *deserdados*, herdeiros da concepção moderna que concebeu o homem como valor infinito, atributo de um valor metafísico.

### ***Considerações finais***

No âmbito do propósito deste ensaio que visou articular memória e corpo no processo de criação a partir da busca de um diálogo entre Benjamin e Nietzsche, apresentou-se profícuo ainda que exija desdobramentos. Os autores assumem uma posição de crítica à racionalidade moderna por vias distintas no que diz respeito às condições de possibilidade de transformação e mudança no futuro. Assim, a experiência da origem, em Benjamin, permite o presente, enquanto experiência não definida, projetar através do pensamento o intervalo entre passado e futuro. Nietzsche busca na origem o movimento de transformação e criação que se realiza para além do homem pensado pela tradição.

Em Benjamin, para que haja transformação e mudança no futuro, é fundamental pensar uma experiência outra, posto que o declínio da experiência prefigurada nas formas tradicionais de narrativas já não é possível. É por isso que ele recorre a educação estética que privilegie o gestual. O teatro infantil e as diversas formas de arte seriam a proposta educativa que se expressa através do

---

<sup>3</sup> NIETZSCHE, 2010, p. 22.

corpo, uma vez que, no gestual se tem a dimensão de uma experiência das energias que não se encontra nos “apelos dos sentidos”, mas na educação gestual, possibilitando a recepção estética que se daria na ação corporal, uma vez que, o corpo também expressa rememoração dos fatos.

Nesse sentido, a memória trilhar o caminho dos registros entre consciência, considerada o lugar da apreensão simbólica do mundo na dimensão racional, e, inconsciente, reduto das emoções oníricas que escapa a lógica de uma interpretação simbólica racionalizada, mas capaz de produzir saberes que se dão numa dimensão atemporal.



## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

BENJAMIN, Walter. *A modernidade e os modernos*. 2 ed., Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2000, 108p.

\_\_\_\_\_. *Das Passagen – Werk*. Erster Band: Edition Suhrkamp, SV. , 2000.

\_\_\_\_\_. (Org. BOLLE, Willi). *Documentos de cultura, documentos de barbárie*. São Paulo: Cultrix, , 1986, 201p.

\_\_\_\_\_. *Libro de los Pasajens*. Madrid: Ediciones Akal, 2005.

\_\_\_\_\_. *Obras escolhidas I, Magia e técnica, arte e política, ensaios sobre literatura e história da cultura*. 7 ed., 10 reimpressão. São Paulo: Brasiliense, 1996, 253p.

\_\_\_\_\_. *Obras escolhidas II, Rua de mão única*. 5 ed., 3 reimpressão. São Paulo: Brasiliense, 2000, 277p.

\_\_\_\_\_. *Obras escolhidas III, Charles Baudelaire um lírico no auge do capitalismo*. 3 ed., 2 reimpressão. São Paulo: Brasiliense, 2000, 271p.

\_\_\_\_\_. (Org. BOLLE, Willi). *Passagens*. Belo Horizonte: UFMG, 2006, 1167p.

MATOS, Olgária Chain Féres. *Os arcanos do inteiramente outro: A Escola de Frankfurt, a melancolia e a revolução*. São Paulo: Brasiliense, 1989, 288p.

\_\_\_\_\_. *O Iluminismo visionário: Benjamin, leitor de Descartes e Kant*. São Paulo: Brasiliense, 1993, 173p.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *Escritos sobre Educação*. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio; São Paulo: Loyola, 2003.

\_\_\_\_\_. *Os pensadores*. Volume I, São Paulo: Nova Cultural, 1987.

\_\_\_\_\_. *Os pensadores*. Volume II, São Paulo: Nova Cultural, 1987.

\_\_\_\_\_. *Vontade de Potência*. Parte II, São Paulo: Editora Escala, 2010.